REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXI Volume	Redacção e Administração Travessa do Convento de Jesus, 4	10 de Novembro de 1908	Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial *Praça dos Restauradores, 17*	N.º 1075

Centenario da Guerra Peninsular

O DUQUE DE WELLINGTON

FAC-SIMILE REDUZIDO DA GRAVURA DE W. BROMLEY, REPRODUZINDO O RETRATO PINTADO POR THOMAZ LAWRENCE APOZ A RATIFICAÇÃO DO TRATADO DE PAZ DE 1810

Chronica Occidental

A' hora a que este numero do Occidente começará a correr o seu destino, Lisboa será possuidora de mais um monumento publico, erguido em homenagem a um seu filho bem illustre.

De certo mereceu Manuel Pinheiro Chagas essa homenagem, e ainda bem que ella lhe foi feita. Elle dedicou uma avultada parte da sua vida e serviu com o seu valioso trabalho os grandes interesses da civilisação; elle possuiu «as faculdades eminentes que gravam uma impressão luminosa em todos os exercicios do espirito» desde o drama até á historia, e desde a tribuna da imprensa até á tribuna do parlamento.

Poucas existencias de homens portuguêses nos mostram, como a d'elle, tão variados aspectos. Raras se revelam tão laboriosas.

Sabe-se como, quasi sem excepção, os nossos homens superiores ou se afastam da politica, perdendo o ensinamento e o estimulo do meio, onde se resume a maior parte da actividade da nação; ou se lançam ás cégas na voragem d'essa mesma politica, que com tanta tirania empolga os que tiveram a veleidade e a imprudencia de se lhe entregar um dia. Para Pinheiro Chagas, a politica, que o chamou tambem a si com a sua poderosa attração, não lhe poude fazer esquecer, nem com as seducções do poder, os estudos predilectos, que haviam sido a alegria dos seus primeiros annos. Nunca logrou possui-lo completamente, absorvendo-lhe, ella só, a poderosa actividade.

Chagas deu á politica partidaria todo o enthusiasmo de um faccioso, já pelo artigo do jornal, já pela eloquencia parlamentar, já pela palavra de fogo no *meeting* popular; todavia, nunca a politica lhe quebrou a pontualidade, nem lhe attenuou o meticuloso cuidado com que cumpria, por exemplo, os multiplices serviços que lhe competiam na Academia Real das Sciencias: já como secretario geral, já como relator de pareceres, já discutindo com rara erudição e verve encantadora nas sessões da assembléa geral ou da segunda classe a que pertencia, já fazendo conferencias consideradas ainda agora como modelos no genero.

Poeta era elle sempre, em todas as manifestações do seu espirito. Não que a musa das consoantes e das cesuras lhe andasse assoldadada, sempre prompta a musiquear em qualquer kermesse parnasiana — no dizer de um dos seus contemporaneos — mas era poeta na acepção elevada da palavra, no seu sentido risonho e fulgido, na sua essencia e na sua exterioridade bella e consoladora. Que dramaturgo elle foi, sabem-no dizer todos aquelles a quem o *Drama do Povo* arrebatou e a quem a *Morgadinha de Valflôr* enterneceu.

Disse-se que Chagas foi sempre, acima de tudo e primeiro que tudo, um homem de theatro. Assim se póde dizer. O auditorio mais indifferente, o publico mais frio, o leitor mais despreoccupado não podia chegar ao fim d'um dos seus discursos, ao desenlace d'uma das suas peças, ao epilogo d'um dos seus romances, sem se sentir irresistivelmente dominado pelo enthusiasmo; e d'ahi as ovações ruidosas que acolhiam tudo que d'elle vinha.

Gervasio Lobato explicava este fenomeno dizendo que Pinheiro Chagas punha em tudo quanto fazia a sua qualidade soberana de homem de theatro, a sua poderosa e nativa intenção theatral; e acrescentava que ninguem possuia mais do que elle a sciencia dos effeitos, a arte difficil dos finaes, que é precisamente o grande segredo do successo no theatro. Os finaes dos seus discursos, dos seus romances, dos seus actos, dos seus artigos eram todos brilhantes, empolgantes e dominadores.

Outro dos seus segredos foi aquelle que tão bem lhe permittiu lidar com a alma feminina. «As figuras de mulher são, na sua obra, de uma delicadeza de linhas, de uma suavidade de contornos, que todas lhe devemos agradecer» escrevia uma das mais intelligentes senhoras do seu tempo.

O eterno enigma feminino, que defrontava com a curiosidade peculiar ao seu espirito, nunca recebeu de Chagas os motejos, os sarcasmos, as injustiças gratuitas de que têm sido prodigos tantos escriptores, aliás illustres. O respeito por tudo quanto ha de santo na alma da mulher, desde que desabrocha em annos juvenis até que se funde nas neves da velhice, dominava a sua penna quando falava d'ella, subjugando-lhe até a propria ironia, com que de leve a tocava uma ou outra vez.

Jornalista, quer-se que haja artigos seus na imprensa que o retratam mais vivo e mais completo do que nenhum dos seus discursos, nenhuma das suas obras de theatro, nenhum dos seus livros de litteratura ou de historia. Se defendia, nada mais difficil que deslocá-lo das posições defensaveis; se na offensiva, ninguem mais energico, vigoroso, dextro, usando de armas que a sua erudição multiplicava e o seu mordente espirito aguçava, acerando-as. Em muitos e celebres combates da imprensa politica foi a sua lamina de aço a que mais temperada e fina scintillou.

Lastima-se que Pinheiro Chagas tivesse dado á politica uma tão avultada porção da sua existencia e da sua mentalidade, em vez de todo se haver consagrado aos labores de litteratura. Viveu, porventura, esse homem em terra onde só pelo producto dos seus escriptos lhe fosse possivel viver e fazer viver aquelles que mais amava? Depois, neste nosso tempo, occupar-se mais ou menos de politica é uma obrigação de todo o homem que pensa. Occupar-se de politica, como dizia o velho Serpa Pimentel falando justamente a respeito de Chagas, é occupar-se dos interesses da nação, que dependem da iniciativa politica. Pinheiro Chagas, espirito bem equilibrado, era liberal sem exageros e amigo da ordem sem timideras infundadas. Ministro um dia, elle poude logo realisar uma obra que sobreviverá ao esquecimento em que a historia envolve tanto trabalho inutil.

Na sociedade portuguêsa dos restos do ultimo seculo, Pinheiro Chagas foi uma das mais interessantes e notaveis individualidades; e embora haja quem não queira ver um acto de consagração nacional no facto de serem alguns amigos intimos ou as *coteries* a que pertenciam em vida os glorificados quem lhes erijam os monumentos, como já aconteceu com Eça de Queiroz, é indiscutivel que a consagração nacional ao auctor da *Morgadinha* e das *Tristezas á beira-mar* estava feita no espirito de nós todos, todos quantos se enterneceram uma vez com as paginas d'aquelle romance ou as scenas d'aquella peça de theatro.

Estranhou alguem que o monumento a este homem precedesse os de outros vultos notaveis de que perdura o rastro luminoso na litteratura portuguêsa contemporanea, como Garrett, como Castilho e Camillo? Se não se admitte que seja a nação, mas sim os amigos quem alevantam taes monumentos, não é á nação que se deve imputar essa falta, mas aos amigos que em vida tiveram Garrett, Castilho e Camillo, e que a elles sobreviveram.

Os monumentos aos homens que se tornaram dignos d'elles dizem-nos, succintamente, que esses homens foram grandes.

Mas quem, depois de nós que com elle vivemos, e o acompanhámos no triumfo de cada dia, quizer saber como e porquê Pinheiro Chagas se engrandeceu; quem pretender fazer uma completa e justa analise do que foi o seu espirito, formar uma idéa precisa e conscienciosa da sua obra, terá de passar longo tempo na leitura de muitos livros e opusculos, terá de folhear milhares de jornaes e revistas, terá de percorrer montões de annaes de academias e collecções de Diarios das Camaras — porque se houve talento entre nós difficil de ser bem explicado e comprehendido e tambem de ser seguido em todas as suas variadissimas manifestações, esse espirito inquestionavel foi o d'elle.

João Prudencio.

Centenario da Guerra Peninsular

Wellington

Deixar de dedicar algumas palavras a este vulto inglez de renome justificado seria, em meu entender, uma injustiça flagrantissima.

Vou pois respigar a seu respeito umas parcas noticias biographicas.

Arthur Colley Welesley, duque de Wellington, viu a luz da existencia no anno de 1768, em Ducan Castle, na Irlanda, e descendia d'uma familia á qual, não de longa data, haviam sido concedidos fóros de nobreza.

Frequentou a Escola de Angers, em França, onde se iniciou na arte miliciana; alistou-se ao serviço do seu paiz em 1787; seguiu para a India dez annos depois; logo após a tomada de Seringapatão foi nomeado seu governador, correndo o anno de 1799; assumio a supréma dirigencia d'uma expedição contra os mahrattas, que venceu em Assya (Bérar), em 1803, apesar de ser muito inferior ao numero do inimigo a força de que dispunha; regressou á patria em 1805, entrou na politica interna como deputado á Camara dos Communs, exerceu o cargo de 1.º secretario da Irlanda; teve um commando em 1807, na expedição de Copenhague, cidade esta de que negociou a capitulação, e veiu para Portugal no anno de 1808, onde já o encontrámos no Vimeiro.

Cumpre inserir n'este lugar um testemunho de que Welington não era esquivo a prestar merecidas homenagens de justiça na ara inconcussa das verdades.

Depois da batalha do Bussaco, emana do seu intellecto esta declaração muito sincera:

«Nunca presenceou mais galhardo procedimento do que o praticado na brioza defeza no alto ponto da serra pelos intrepidos regimentos portuguezes, a qual adquiriu para o exercito lusitano a estima, a confiança e a admiração dos seus companheiros do exercito britanico, vendo elle Wellington factos no combate e uma conducta nas tropas portuguezas de fazer honra ás tropas mais aguerridas.»

São da responsabilidade do mesmo general estas palavras que se lêem em seu officio de 2 de setembro de 1813, relativas ao assalto da praça de S. Sebastião, na Hespanha:

«A brecha suppunha-se praticavel e quasi que o não estava. Não se póde fazer idéa nem descripção das difficuldades insuperaveis da mesma brecha. Havia só um ponto por onde se podesse entrar, e esse mesmo só por filas singelas. Não sobreviveu nenhum dos que tentaram ganhar a altura. Depois foi quasi desesperado o ataque. Acceitei entretanto a offerta de parte da brigada portuguesa, commandada pelo major general Bradford. A avançada dos regimentos portuguezes fez-se do modo mais bizarro debaixo de um fogo asperrimo de metralha. A final ganharam a pequena brecha, á direita da grande, e o lado direito da brecha grande.»

Terminada a batalha de Nive, dezembro do sobredito anno de 1813, determina que se registe o seguinte na ordem do dia:

«Sempre que a nação portugueza ouvir fallar de uma batalha em que as suas tropas tenham cooperado, ha de tambem ouvir elogial-as... A' medida que ellas são experimentadas, se mostram dignas de toda a confiança: o seu comportamento e valor são sempre mui superiores á prova, por mais ardua e forte que esta seja. D'esta verdade dão testemunhos abundantes os feitos de armas das tropas portuguesas nas ultimas batalhas. A sua reputação já estava firmada, e o está egualmente ha muito tempo a estima e admiração dos seus valorosos companheiros de armas do exercito britanico.»

Cançara-se a fortuna de favorecer o imperial francez; no mencionado anno de 1813, nos dias 14, 16 e 18 d'outubro, pelejara elle com desastroso resultado em Leipzig, e em 30 de março de 1814 occupavam Paris tropas estrangeiras.

Wellington, ao sabê-lo, dirigiu-se áquella capital, e representou a Inglaterra no congresso de Vienna, prestes reunido, revelando-se dos mais moderados vencedores.

Napoleão, obrigado a abdicar, teve a ilha de Elba para sua pessoal residencia e installação da sua fallida soberania.

Era-lhe porém impossivel habituar-se com taes restricções no acanhado ambito d'uma simples balisa mediterranea, defronte de Piombino e definida por 36 kilometros de comprimento e 10 de largura.

Apenas lá permaneceu desde 3 de maio de 1814 até 26 de fevereiro de 1815!

Durava ainda o congresso de Vienna, quando constou que o antigo imperador, tomando a resolução de furtar-se a um estado de coisas que o opprimia, desembarcara na Provença.

Foi então que as potencias colligadas assentaram em proseguir sem quartel a lucta contra Napoleão e escolheram Wellington para um importante commando em chefe.

Vae ferir-se a acção decisiva do seculo XIX.

Waterloo, aldêa da Belgica, distante 18 kilometros de Bruxellas, foi o seu theatro, no dia 18 de junho de 1815.

O inclito varão Thiers, na *Historia do Consulado e do Imperio*, e Victor Hugo, no romance-poema *Os Miseraveis*, consagraram formosas paginas de encanto á narrativa e descripção do dia de Waterloo; historiadores inglezes e outros escriptores francezes, ajustaram com colorido intenso ao seu discretear philosophico as aparadas

pennas com que traçaram o quadro magistral da homerica batalha, mas por que em todos verifico motivos de parcialidade involuntaria e razões de enthusiasmo tresvariante prefiro soccorrer-me n'esta altura da concisa expressão de Cesar Cantu, o nobre filho da Italia que honrou perduravelmente a patria, legando-lhe livros monumentaes.

Referindo-se a Napoleão, evadido da ilha de Elba, escreve o celebrado auctor da *Historia Universal*:

«A' testa de cento e cincoenta mil homens, atacou em separado os inglezes e os prussianos, entrando em Bruxellas depois de os ter batido. A Belgica sublevou-se em seu favor; a Saxonia, a Baviera e o Wurtemberg responderam á sua chamada; era ainda o genio das batalhas, e alcançou em Lignus, sobre os prussianos, uma de suas antigas victorias. Mas os seus soldados não tinham já n'elle uma fé tão funda, os seus logares tenentes discutiam as suas ordens, e a omnipotencia da sua vontade já não creava tantos prodigios. Os instantes de repouso que o soldado lhe pedia, e que elle teria recusado em outros tempos, permittiram aos prussianos o operarem a sua juncção com os inglezes em Waterloo. Napoleão desenvolveu ahi as manobras atrevidas de Austerlitz e de Wagram; porém Wellington oppoz-lhe o antigo systema de resistencia em posições vantajosas, systema com a ajuda do qual tinha vencido em Torres Vedras, e ponde assim resistir até á chegada de Blucher, que lhe levou um poderoso reforço. A victoria foi para os alliados; o exercito francez foi dispersado.»

Posteriormente, Wellington exerceu differentes commissões de commando militar e de diplomacia, sobraçou a pasta de ministro de Jorge IV, Guilherme IV e Victoria I, fallecendo no dia 14 de setembro de 1852, e associando-se á manifestação solemne do seu funeral a rainha, o governo, e a nação ingleza.

Na politica não se distinguiu como liberal nem como amigo de innovações, e na guerra mostrou admiravel presença de espirito, judiciosa cautela, apêgo á disciplina e modelar perseverança.

Atribue-se a Napoleão esta phrase exteriorisadora do conceito que elle formava de Wellington:

«La fortune a plus fait pour lui qu'il n'a fait pour elle.»

Comtudo, o heroe vencedor de Waterloo soube acatar a logica e contêr-se nos limites da sua propria divisa:

Virtutis fortuna comes.

D. FRANCISCO DE NORONHA

Marechal Hermes da Fonseca

MINISTRO DA GUERRA DO BRASIL

Nos ultimos dias do mez de outubro esteve em Lisboa vindo da Alemanha no vapor *Cap-Vilam* em viagem para o Rio de Janeiro, o marechal Hermes da Fonseca, ministro da guerra da Republica dos Estados Unidos do Brasil, e que fôra a Berlim assistir ás manobras do exercito alemão.

O marechal Hermes da Fonseca é uma das individualidades de mais destaque do exercito da florescente Republica do Brasil, e que mais se tem esforçado pela sua boa organisação, disciplina e instrucção, a que bem se póde dizer, tem dedicado o melhor de sua vida e atividade com o entusiasmo do seu espirito verdadeiramente militar, o que não admira, sabendo se que elle pertence á familia de militares que tem dado ao Brasil seus melhores servidores que o tem honrado.

Hermes Rodrigues da Fonseca é natural de um dos estados mais valiosos do Brasil, como é o do Rio Grande do Sul, tendo nascido na cidade de S. Gabriel a 12 de maio de 1855. Filho do marechal Hermes Ernesto da Fonseca e sobrinho do marechal Deodoro da Fonseca, que proclamou a Republica em 1889 e foi seu primeiro presidente.

Aos 16 annos de edade sentou praça no 1.º batalhão de artilharia a pé, e cursando os estudos da Escola Militar, foi tambem seguindo postos, até que em 1878, tendo concluido o curso, foi colocado no 2.º regimento de artilharia, e depois promovido por antiguidade a 1.º tenente para o regimento n.º 3 da mesma arma e nomeado ajudante do comando das Armas da Provincia do Pará.

Em março de 1880 pediu a exoneração desta comissão em que aliás se havia distinguido, e passou á capital. No anno seguinte foi promovido a capitão, tendo comandado as 2.ª e 3.ª baterias, sempre elogiado nas ordens regimentaes, passou para o estado-maior da Arma em 5 de setembro de 1883 e foi pouco depois nomeado 2.º ajudante da Escola de Tiro do Realengo, comissão de que foi dispensado no anno seguinte e nomeado oficial ás ordens do comandante da Escola Militar do Rio de Janeiro.

Em 1886 passou ao comando da 2.ª companhia de alumnos e do corpo de engenheiros, auxiliando como instrutor de artilharia e desempenhando tambem o logar de bibliotecario da escola.

Nomeado ajudante de ordens do conde de Eu, fez parte do seu estado maior efétivo na comissão que levou o marido da princeza Isabel ás provincias do Pará, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sendo louvado por este serviço em Ordem do Exercito de 6 de abril de 1884.

Assim desempenhou sempre com louvor varias

MARECHAL HERMES DA FONSECA

MINISTRO DA GUERRA DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

comissões militares até que, em novembro de 1889, tomando parte no movimento militar que depoz o Imperador e proclamou a Republica, ficou logo ás ordens de seu tio o marechal Deodoro da Fonseca chefe desse movimento e do governo provisorio.

Por seus relevantes serviços foi promovido a major, sendo tambem secretario particular do presidente da Republica. Em 8 de outubro de 1890 era promovido a tenente coronel, e pedindo a demissão de secretario do Presidente, foi colocado no comando do regimento n.º 20. Em 1892 foi transferido para o Estado-Maior e logo depois nomeado director do Arsenal de Gerra do Estado da Bahia.

Havia regressado ao Rio de Janeiro, quando em 6 de setembro de 1893 se deu a revolta da armada. Estando na presidencia da Republica o marechal Floriano Peixoto, este o nomeou para o comando das forças de Nictheroy, e de tal modo se desempenhou da dificil missão, que foi depois louvado em Ordem do Exercito.

Promovido a coronel em 1894, foi encarregado de organisar a Escola de Sargentos no que deu provas da sua ilustração militar superior.

Com grande competencia desempenhou tambem o comando da brigada policial, ascendendo, em 13 de julho de 1900, ao posto de general de brigada.

Desempenhou tambem o comando da Escola Militar do Realengo e nesta comissão foi surprehendido pela revolta de 14 de novembro de 1904, na sufocação da qual continuou a dar provas da sua energia e decisão, prendendo os cabeças dessa revolta majores Gomes de Castro e Antonio Moraes e o paisano Pinto de Andrade.

Nomeado comandante do 4.º distrito militar em 24 de dezembro de 1904, efétuou em setembro de 1905 a mobilisação das forças do seu comando, o que de ha muito se não fazia.

Em 1906 já no posto de general de Divisão, realisou nova mobilisação do exercito com bélos resultados. E' ainda nesse anno promovido a marechal e chamado pelo Presidente da Republica para a gerencia da pasta da guerra, cargo que tem desempenhado de fórma superior a todo o elogio, promovendo uma completa reforma no exercito, dotando-o com a instrução que distingue os exercitos modernos.

Visita de S. M. El-Rei D. Manoel ao Porto

Cumpriu o Senhor D. Manuel, como é de reis o cumprir, a promessa de visitar o Porto, que fizera á comissão portuense, que na primavera o veiu saudar por sua subida ao trôno.

Quando estas linhas escrevemos, o comboio expresso que partiu da estação central, esta manhã, 8, segue veloz em seu andamento, conduzindo á cidade Invicta El-Rei D. Manoel com seus camaristas e ajudantes de campo, ministros do reino, da fazenda, dos estrangeiros e da justiça.

Dentro em seis horas terá chegado á capital do norte, onde lhe está preparada recepção condigna, como a sabe sempre fazer o seu povo hospitaleiro e bizarro, e agora muito especialmente ao chefe da nação, que pela primeira vez, em seu reinado, a visita.

De facto, as noticias dali recebidas são todas unanimes em comunicar o enthusiasmo que em toda a cidade se tem desenvolvido pela visita real, e todas as corporações á porfia se esmeram em preparar festas, em decorar edificios, praças e ruas, que El-Rei ha de visitar e por onde ha de passar, recitas, banquetes e bailes a que ha de assistir, iluminações e todos os mais motivos de regosijo publico, que darão á cidade aspéto desusado, como raras vezes terá sucedido, com tão espontanea vontade e assentimento geral.

No velho condado donde irradiou toda esta patria gloriosa, está o coração desta nacionalidade secular, onde com mais vigor palpita a sua vida. Assim o tem provado atravez dos tempos, em todas as vicissitudes por que tem passado a nação, como pelo esforço de seus filhos em lhes reivindicar as liberdades publicas e trabalhar com ardor nas conquistas pacificas do progresso.

Disto vae El-Rei ter prova na extraordinaria animação e carinho com que será recebido, e na visivel transformação em que vae encontrar a cidade, com as grandes obras que nos ultimos tempos ali se tem feito para a melhorar quanto possivel, e justamente permittir-lhe o honroso logar de capital do norte.

E' demorada por quasi um mez a estada de El-Rei no Porto, que tomou tambem para centro das visitas que projéta fazer a outras cidades do norte, como Viana do Castélo, Braga, Coimbra, Aveiro e Guimarães, visitando tambem Santo Tirso, Oliveira de Azemeis e Espinho onde assistirá á inauguração do caminho de ferro do Valle de Vouga.

O paço real onde Sua Magestade reside durante a sua estada no Porto, foi primitivamente propriedade dos irmãos Manuel e Isidoro Mendes de Moraes e Castro, capitães de milicias e primeiros barões de Nevogilde, alcunhados os *Carrancas* por viverem muitos annos na antiga rua das Carrancas, hoje da Liberdade, e serem ali a familia mais rica e distinta. Desta circumstancia veio o nome de Palacio dos Carrancas, situado na rua do Triunfo da freguesia de Miragaia.

Foi em 1861 que El-Rei D. Pedro V comprou por 30:000$000 réis á sr.ª baroneza de Nevogilde o dito palacio, ficando desde então sendo Paço Real.

Entretanto D. Pedro IV já ali tinha habitado quando do cerco do Porto, e por sinal uma das balas inimigas, das muitas a que serviu de alvo, entrou pelo palacio e chegou até ao quarto do imperador furando a cabeceira da cama.

Antes de ahi ter habitado D. Pedro IV, já ali se havia alojado em 1810 o general Sult do exercito invasor francês, assim como Wellington e Beresford, ingleses, o principe de Orange, etc.

Visita de S. M. El-Rei D. Manuel ao Porto

Palacio Real no Porto — Residencia de S. M. El-Rei durante a sua estada na capital do Norte

Palacio da Bolsa, sede da Associação Comercial do Porto, onde se realisam as primeiras festas em honra de S. M. El-Rei D. Manuel.

(Fotografias de E. Biel)

O Parque Vaccinogenico de Lisboa

Dr. Carlos B. Moniz Tavares
Medico Cirurgião
Operador do Parque Vaccinogenico

Dr Carlos Moniz Tavares
Medico Cirurgião
Director e operador do Parque Vaccinogenico

Annes Baganha
Inspector viterinario do Parque Vaccinogenico

O Laboratorio

Sala da extracção de Vaccina e vaccinação de pessoas

Jardim e estabulos

Este palacio é um dos melhores edificios do Porto e, como se vê da gravura que publicamos, apresenta onze janellas de frente, incluindo as tres do corpo central, que tem seu frontão, e a que correspondem outras tantas portas e janellas de grandioso aspéto no pavimento terreo.

Nas traseiras o palacio apresenta quatro andares em consequencia do terreno em que assenta ser em declive.

O andar nobre compõe-se de cinco vastos salões, quatro gabinetes, dois guardas roupa, um quarto de banho e duas salas de jantar.

Todos estes compartimentos são belamente decorados de pinturas a fresco feitas por artistas italianos, contratados pelos fundadores deste palacio, para aquelle fim, vendo se em algumas dessas pinturas reproducção de outras do Vaticano. O salão de baile é ricamente decorado de estuques em relevo e dourados de grande opulencia.

Todas as dependencias do palacio correspondem á mesma grandesa, incluindo um vasto jardim e cerca, donde se disfruta um lindo panorama sobre parte da cidade e Vila Nova de Gaia.

A outra gravura que acompanha esta noticia e que representa o Palacio da Bolsa e séde da Associação Comercial do Porto, já deste edificio aqui tem sido publicadas descripções que não devemos repetir, motivo por que apenas diremos que é elle hoje a mais sumptuosa construcção da cidade do Porto, que mais realça ainda depois que a sua fachada principal se desafrontou com a praça aberta na frente, ajardinada, e no centro da qual se ergue o monumento ao Infante D. Henrique, inaugurado em 1894, quando do seu centenario.

E' no Palacio da Bolsa o centro das mais luxuosas festas que vão ser oferecidas a El-Rei, e para isso tem, não só sido agora lindamente decorado com ornamentações de festa e para iluminações a luz elétrica, como enriquecido com algumas peças de mobilia e de arte que lhe aumentam a sumptuosidade.

O Parque Vaccinogenico de Lisboa

«O Parque Vaccinogenico é o filho dilecto do amor e dedicação scientifica do dr. Moniz Tavares.»

Assim se exprime o sr. Annes Baganha num artigo biografico do fundador do Parque Vaccinogenico de Lisboa. Estas poucas palavras definem bem a importancia do estabelecimento vaccinico, conhecida a competencia e valor scientificos do sr. dr. Carlos Moniz Tavares distintissimo medico militar, que percorreu toda a escala de postos até ao de cirurgião-mór, sub-chefe da 6.ª repartição do ministerio da guerra e por ultimo ao de director do Hospital Militar da Estrella, que dirigiu de forma superior, transformando quanto possivel o velho edificio (antigo convento), no sentido de melhor satisfazer á higiene e ás exigencias da clinica modernas.

A este respeito destacamos de um artigo publicado ha tempos no *Seculo* a proposito do Hospital Militar da Estrella, o seguinte periodo altamente significativo:

«Mas tudo tem suprido a boa vontade, a dedicação e o espirito de iniciativa, e sem lisonja nem favor se póde dizer que, dos quatro bons directores que tem tido aquelle estabelecimento, Moniz Tavares é o melhor.»

Os serviços que tem prestado nas varias commissões officiaes, tendo sido sempre louvados em ordens do exercito, tiveram sua maior recompensa em 1901 com o decreto de 28 de setembro publicado na ordem do exercito n.º 19 (2.ª serie) de 7 de outubro, nomeando commendador da Real Ordem Militar de S. Bento de Aviz, *por serviços distinctos*, o ex.mo dr. Carlos Moniz Tavares, tenente-coronel medico, director do Hospital Militar Permanente de Lisboa.

Já então o sr. dr. Moniz Tavares havia sido agraciado com o officialato da mesma ordem, sendo o primeiro cirurgião-mór do exercito aquem era concedida essa distinção.

Na *Medicina Contemporanea* de 16 de outubro d'aquelle anno, encontra-se, sob o titulo — *Uma dignidade bem merecida* — referencia á commenda conferida pelo governo ao sr. dr. Moniz Tavares, nos seguintes periodos que transcrevemos:

«Nunca uma commenda assentou melhor em peito algum de official, medico ou não medico.

«E' grande o galardão, mas ainda mesquinho para recompensar serviços tão distinctos! E distinctos teem sido todos os serviços prestados até hoje por s. ex.ª, desde que entrou como cirurgião ajudante na corporação militar!»

Nesta resenha do que ha publicado e pudemos reunir acerca do illustre medico militar, se syntetisa o valor do homem de sciencia, e se a sua individualidade tanto se distingue nos cargos oficiaes que desempenhou, o que poderemos dizer condignamente do iniciador da vaccina animal no país, como fundador do Parque Vaccinogenico de Lisboa, á custa da propria bolsa e do profiado trabalho em que empregou todo o seu saber e esforço, lutando tenazmente contra a rotina e preconceitos.

Foi em janeiro de 1888 que o sr. dr. Moniz Tavares abriu o seu Parque Vaccinogenico ao publico, dotando esta capital com um estabelecimento unico, como ainda o não tinha para vaccinação com vaccina animal, de ha muito explorada nos principaes países da Europa.

Antes, porém, de fundar o seu Parque, e não obstante os estudos feitos para cabalmente o poder realisar, quiz primeiro conhecer de *visu proprio* os institutos vaccinogenicos da Europa e visitou Madrid, Bordeus, Paris, Londres, Bruxellas, Anvers, Amsterdam, Haya, Leipzig, Rotterdam, Utrecht e Genova. Ali colheu, acaso, mais vastos conhecimentos tecnicos e com estes fundou o seu instituto modelar, creando no país a vaccina animal, conseguindo generalisar os seus serviços até fóra do reino, exportando-a para as colonias, para o Brasil e até para a visinha Espanha.

Acolhido com aplauso pela classe medica o novo instituto, novo em tudo, não foi menos considerado pelo publico, apesar da inveterada relutancia para a vaccina, sem comtudo ter nenhum auxilio do Estado, apesar dos encargos que oneram estabelecimentos deste genero, serem superiores ao esforço particular, tanto mais entre nós, sendo certo que lá fóra elles são geralmente subsidiados pelos poderes publicos.

Comtudo no Parque Vaccinogenico de Lisboa, nada falta e do melhor que se encontra nos institutos similares estrangeiros. Ali se verifica todo o meticuloso cuidado que se poz no mais insignificante detalhe, para que toda a instalação correspondesse ás modernas exigencias da hygiene, assegurando a maior puresa e efficacia á vaccina animal cultivada e preparada no Parque Vaccinogenico.

O processo seguido para obter, conservar e aplicar aquella vaccina, é bastante trabalhoso e cheio de cuidados, como passamos a descrever.

As vitellas empregadas para a producção da vaccina são todas de raça da Beira e directamente vindas d'ali por contracto com o muito conceituado marchante fornecedor do Parque sr. Marciano Thomaz da Costa. Ao chegarem a este, são conduzidas para o estabulo destinado exclusivamente á observação de vitellas, onde permanecem uns dias debaixo do minucioso exame do veterinario permanente do Parque o sr. Annes Baganha.

Adquirida a certeza do seu bom estado sanitario, é o animal conduzido á sala de inoculação de vitellas, onde é collocado sobre uma mesa de operações com movimento de basculo, modelo de Pissin, de Leipzig, modificado.

Segue-se a rasoira da região infero thoraco-abdominal de um dos lados, comprehendida entre as axillas. Lavagem e asepsia do campo a inocular. Procede-se em seguida a vaccinação feita por meio do escarificador especial, fazendo-se ordinariamente cento e tantas inoculações em cada vitella.

Acabada a inoculação é resguardada a região vaccinada por meio de uma cobertura de fazenda branca e leve e conduzido o animal para o estabulo destinado unicamente a vitellas vaccinadas.

Sendo a inoculação das vitellas feita habitualmente aos sabbados, salvo raras excepções, a evolução das pustulas vaccinicas attinge o seu maximo desenvolvimento á quinta feira da semana seguinte, isto é 5 × 24 horas após a inoculação.

Novamente collocada a vitella sobre a mesa de operações, mas esta situada noutra sala e que unicamente serve á extracção de vaccina, faz-se a lavagem e asepsia da região inoculada e colhe-se a polpa vaccinica por meio de colheres de raspagem.

Nessa mesma tarde ou na manhã seguinte é conduzida a vitella ao mercado geral de gados onde é observada pelo medico-veterinario de serviço. Approvada para consumo, segue para o matadouro onde é abatida, sendo enviado para o Parque certificado, passado pelo veterinario inspector dos matadouros municipaes, dando conta do estado em que o animal foi morto.

A vaccina colhida é addicionada de glycerina pura esterilisada, triturada num apparelho especial, examinada sob o duplo ponto de vista da sua pureza e virulencia e só então é acondicionada em tubos ou placas destinadas á venda.

A vaccina assim obtida e preparada é de absoluta confiança, como o provam os resultados conhecidos pela estatistica do Parque Vaccinogenico, não obstante faltar uma boa parte das informações de vaccinados, que ali não voltam e que se calcula nuns trinta por cento, como se lê nos respectivos relatorios.

A' perfeita instalação do Parque Vaccinogenico de Lisboa e provada excelencia da sua vaccina corresponde a pericia dos operadores, principiando pelo sr. dr. Carlos Moniz Tavares que, sendo um operador impecavel e delicadissimo, é inexcedivel de carinho e cuidados para com os vaccinados que elle trata com aquelle amor paternal de um coração devotado ao bem. Não menos dedicado é seu filho e ajudante o sr. dr. Carlos Barral Moniz Tavares, um novo que perante o jury da Escola Medica de Lisboa, fez, em 1906 a sua dissertação inaugural de *Investigações sobre a vaccina*, pelo que mostrou sua aplicação a este estudo, com que ocupou 57 paginas da sua these revelando perfeito conhecimento do assumpto. Com tão boa escola de aplicação e estudo não admira que seja um operador excelente, cheio de dedicação pelos pequenitos operados, o que constitue uma especialidade da clinica cirurgica para que nem todos os clinicos se encontram dispostos.

De mencionar é ainda a valiosa cooperação do medico veterinario do Parque Vaccinogenico o sr. Annes Baganha, a quem é submettido o exame minucioso das vitellas, sem o qual estas não são aproveitadas para a vaccina. A competencia do sr. Annes Baganha está de ha muito comprovada por suas obras sobre medicina veterinaria, bem como pelo exercicio de intendente de pecuaria do districto de Lisboa, logar de que ultimamente se reformou.

O Parque Vaccinogenico de Lisboa, primeiro estabelecido na rua de S. Bernardo, á Estrella, numa casa e parque que offerecia todas as condições indispensaveis, mudou-se mais tarde para outra casa com parque tambem, na calçada do marquês d'Abrantes, onde funccionou até agosto deste anno, passando agora para a nova e ampla Avenida D. Amelia, onde construiu casa propria nas melhores condições hygienicas e enriqueceu a sua instalação com todos os aparelhos e utensilios mais modernos adquiridos no estrangeiro pelo seu fundador, que para esse fim novamente foi ali visitar os estabelecimentos congeneres, introduzindo tambem todas as novas modificações indicadas e seguidas pelos mais distinctos e notaveis cultivadores da vaccina animal antivariolica.

Foi a visita que fizemos ao novo edificio do Parque Vaccinogenico de Lisboa, e o antigo conhecimento dos serviços prestados pelo sr. dr. Carlos Moniz Tavares com a introdução no país, da vaccina animal, que nos suggeriu a ideia de tornar aqui bem publico este util e humanitario instituto, que representa o trabalho de tantos annos de um devotado filho da sciencia, que mais compenetrado do alto sacerdocio da sua profissão do que na mira do interesse egoista, não duvidou sacrificar seu capital de sciencia e de dinheiro para fundar em Lisboa um estabelecimento egual, pelo menos, aos de outras cidades da Europa, onde estes serviços são devida e compensadoramente reconhecidos.

Amor por suggestão

Traducção do original inglez

DE

OUIDA

XII

(Continuado do n.º 1074)

Ao lusco-fusco vieram dizer-lhe que estava em baixo na sua gondola uma dama, que desejava vê-lo. Desceu a escada preparado para se encontrar com Veronica Zaranegra. Era ella, com um véo que lhe tapava o rosto. Sem lhe poder distinguir as feições, conheceu-a todavia pelo feitio da cabeça e pela fórma da mão antes que ella falasse.

— Vindes saber noticias do principe? — disse

elle friamente e com aspereza. — Não vos posso dar nenhumas. A doença é sempre incerta e traiçoeira.

— Permitti-me que o veja! oh! permitti-me que o veja! — murmurou ella. — Venho aqui para isso. Pouco me importa o que dirão. Nem se me dá do perigo. O que eu quero é vê-lo!

— E' absolutamente impossivel — replicou Damer no mesmo tom de voz. — Para que vos metteis em taes andanças?

— Quem tem direito de o vêr senão fôr eu? E quem sois vós para ter-me affastada de elle?

— Sou um homem de sciencia, cujo dever é proteger-vos contra vós mesma. Ide para vossa casa, madame, e orae a Deus pelo vosso bem-amado. E' tudo o que podeis fazer.

Veronica desatou a chorar. Elle ouviu-lhe os soluços, e viu lhe o movimento dos hombros e o arfar do peito.

— Conduzi a sua casa vossa ama, que não está bem — disse elle ao gondoleiro, que aguardou um momento as ordens da condessa, e depois, como não recebesse nenhumas, levou o remo de encontro aos degraus, e virou suavemente a gondola para subir o canal.

«Porque o ama ella?» pensou Damer. — Lé com lé e cré com cré. Tolo com tolo, flôr com flôr!

Do fundo de alma elle desprezava-a, pobre creatura apaixonada, fraca de entendimento, uma creança. Mas a voz de ella inflammava-lhe o sangue; ouvi-la chorar azedou-lhe o desprezo até o odio; tocar-lhe a mão sem luva era a um tempo extasi e agonia; e elle amava-a com uma paixão furiosa, brutal, desmedida, como a lava sob o gelo do seu imperio sobre si.

E alli ficou sem despregar os olhos do negro vulto da gondola.

«Nunca ha de ser teu», disse elle no seu intimo. «Nunca — nunca — nunca! excepto se eu morrer em logar de elle esta noite.»

E permaneceu ainda alguns minutos, emquanto o movimento maritimo lhe passava por deante sem elle dar por isso, e as turbas borbulhavam depois de uma novena na Salute.

Começava a anoitecer, o roseo crepusculo amoroso do verão em Veneza cerrou-se na noite, e a noite desvaneceu-se na aurora. Toda a animação da vida veneziana começava de novo a despertar com o fremito das azas das pombas, que levantavam o vôo matutino de duomo e cupola, pinaculo e gotteira. A's irmãs de caridade o doente parecia estar melhor, aos facultativos da cidade tambem; Damer guardava silencio.

— Está melhor? — perguntou anciosamente a enfermeira.

— Vejo poucas melhoras — respondeu Damer, que em mais alta voz disse a Adrianis: — Vossa mãe telegraphou; não tarda cá.

Sorriu-se de novo Adrianis com um sorriso, que illuminava os seus bellos olhos castanhos, e baniu momentaneamente a sua languidez. Sentia-se com disposição para dormir, mas puxou para si o lapis e o papel, e traçou com fraca escripta estas palavras: «Madame Zaranegra?»

Damer leu o nome.

— Veiu ver-vos, ha uma hora ou duas — respondeu. Mas não pude consentir-lh'o. A vossa enfermidade é inficiosa.

Exprimiu-se do seu modo usual, breve, calmo e indifferente. Adrianis soltou um suspiro de contentamento; estava meio adormecido, voltou-se nas almofadas e mais uma vez puxou pela carta que tinha escondido debaixo de ellas, para junto da face.

— Ha de dormir bem — disse a religiosa.

— Assim seja — respondeu Damer; mas pelo tom de voz pareceu lhe a ella que elle não participava da sua crença.

Eram onze horas.

— Ide repousar — lhe disse elle. Precisaes de descanço. Ficarei de vêla esta noite. Se precisar de auxilio, eu vos chamarei.

— A mãe chegará breve? — perguntou a irmã, que tinha bom coração.

— Assim o creio.

Um dos medicos, que elle tinha chamado, veiu á varanda para junto de elle.

— As irmãs dizem que o principe está melhor, e assim parece — disse o seu collega.

— Que sabem ellas d'isso? — observou Damer, e accrescentou com menos aspereza:

— Ainda é cedo de mais para haver certeza do restabelecimento; esta doença é muito traiçoeira.

— Tem a mocidade a seu favor.

— Sim; mas elle está enfraquecido pelas consequencias de uma ferida que teve o anno passado, da qual o tratei. Não está a sua constituição preparada para tão cedo entrar novamente n'uma lucta pela existencia.

— Tendes mais conhecimento de elle do que eu — disse o veneziano, que era homem fraco e não muito instruido.

— Vinde ao meu laboratorio nos Fondamente, e eu vos mostrarei e vos direi algumas cousas.

Lisonjeado, o seu collega italiano accedeu ao convite.

O que lhe mostrou Damer foram tres animaes, dois coelhos e um gato, inoculados com diphteria, e a expirar d'essa doença; o que lhe expoz foram as theorias de Loffler e Klebs, e o descobrimento do supposto antidoto por Behring; tambem lhe apresentou uma porção de sôro, recebido de Roux, que estava então no começo das suas applicações da theoria de Behring.

O medico veneziano observava e escutava com profundo respeito.

— Porque não experimentaes este tratamento no principe? — disse elle, que era o que Damer desejava e tencionava dizer-lhe.

— Assim o farei sob minha responsabilidade, se elle não estiver melhor amanhã — replicou elle. — Mas concordareis que a responsabilidade será grande, visto ser actualmente desconhecida do publico em geral a theoria da cura, e não estar agora em Veneza ninguem da familia de elle para auctorizar a experiencia.

— Somos tres como vossos collegas, e vos daremos apoio — respondeu o homem mais obscuro, movido e lisonjeado pela deferencia de quem privava com os homens de sciencia da França e da Allemanha.

— Se não houver outro remedio, correr-lhe ei o risco; o risco é menor que o da tracheotomia — disse Damer, repondo o pequeno frasco de sôro n'um armario fechado.

(Continua). ALBERTO TELLES.

Um verso dos «Lusiadas»

SILVA LEAL

Todos que neste país mais ou menos labutam nas letras, conhecem Silva Leal, por que uma ou outra vez terão a elle recorrido, como a um dos primeiros bibliofilos, paciente e cuidadoso colecionador de livros, de jornaes, de estampas, de alfarrabios, que sei eu, e de todo ou quasi tudo elle dá relação, elle facilita com prestante obsequiosidade, de quem tem praser de ser util, agradavel e bom, de espirito esclarecido, amante da instrução, que tomou por devisa para as suas obras o *Fiat Lux et lux facta est*, com que timbrou o seu folheto *Um verso dos Lusiadas* agora publicado, ou melhor, agora impresso, de que apenas estampou 50 exemplares numerados para destribuir muito amavelmente a seus amigos.

Eu sou um dêsses amigos que felizmente fui contemplado; amigo de quasi trinta annos, que tanto vae decorrido desde que pela primeira vez o conheci, em 1883, ainda imberbe, e com piedoso amor filial me apresentava o retrato de seu pae, o conselheiro José Maria da Silva Leal, apreciado publicista que havia falecido e a quem o OCCIDENTE prestou a devida homenagem á sua memoria. (1)

De seu pae herdou Silva Leal as qualidades de caracter, de trabalho e de amor ás letras, e por isso não descança neste labutar tão mal apreciado dos que em Portugal se ocupam do trabalho literario.

O trabalho de que Silva Leal agora se ocupou é de *Um verso dos Lusiadas*, o sexto da estancia XXI do canto IX que é o seguinte:

«Da mãe primeira co'o terreno seio»

Este verso lê-se na edição dos *Lusiadas* do Morgado de Matheus, na do Visconde de Juromenha, como ainda em outras mais recentes, e aqui tenho á mão a do Gabinete Portuguez de Leitura, do Rio de Janeiro, com revisão do texto do poema e observações filologicas por Adolfo Coelho prefacio critico, de Ramalho Ortigão etc., em que este verso se lê:

«Da primeira co'o terreno seio»

Este verso assim escrito, não só fica errado como confuso o sentido.

SILVA LEAL

E' certo que houve em tempos duvidas e contendas (como diz Silva Leal) entre comentadores e editores sobre a verdadeira e genuina lição do verso 6 da estancia XXI do canto IX».

Em Manoel de Faria e Sousa lê-se o verso completo:

«Da mãe primeira co'o terreno seio»

como se lê na edição Didot de Paris de 1815, na terceira das de Thomaz Joseph d'Aquino, na de Hamburgo de 1834 etc.

Silva Leal apresenta a opinião de alguns comentadores dos *Lusiadas* que entendem a palavra *mãe* indicar Eva, *terreno seio da primeira mãe*, na crença de que nas paragens a que o poeta se refere seria o Paraizo Terrestre.

Sobre isto faz Silva Leal varias considerações bem estudadas e deduzidas, com as quaes abre caminho a novos estudos que ampliem, a caso, a critica que atravez dos tempos se tem ocupado do immortal poema.

Com este trabalho veio provar mais uma vez Silva Leal a sua dedicação ás letras, pois a par da colaboração que tem espalhada por varios jornaes e revistas, no *Diccionario Portugal* e no *Zoofilo* que dirige, ainda tem tempo para estes estudos que demandam de bastante investigação e consulta, como o agora publicado e de que tem outros em preparação para virem á luz publica.

Este estudo é dedicado á *Società «Luigi Camoens»* de que Silva Leal é socio correspondente, como é de muitos outros institutos cientificos e literarios, nacionaes e estrageiros.

Ao nosso bom amigo Silva Leal agradecemos a penhorante oferta.

C. A.

Chronicas immoraes — Albino Forjaz de Sampaio escolheu, da muita variedade de assumptos versados pela sua pena leve numa febril actividade de trabalho jornalistico, um certo numero de chronicas a que deu fórma de livro, intitulando-o *Chronicas immoraes*.

Que pena ver este escriptor, como tantos outros, pungido pela necessidade de produzir muito e rapidamente!

O seu talento está todo na variedade, na facilidade de assimilação, na superficialidade colorida, com que os artigos de dia a dia lhe sáem dos bicos da penna, numa verdadeira tarefa de carregar cabedaes valiosos para o seu thesouro de jornalista. Senhor de multiplas aptidões, de todas ellas se vale para dar relevo á fugaz, efemera obra de cada momento, mas obra reveladora d'uma distincta individualidade.

Forjaz de Sampaio sabe pôr em realce todo o

(1) *Occidente* IV vol. n.º 161, pag.ª 134

O Parque Vaccinogenico de Lisboa

Uma vaccinifera, no estabulo — Vitella vaccinada sobre a mesa de operações para a extracção da vaccina

assumpto da occasião, e, como poucos dos seus camaradas no jornalismo, explora o acontecimento do dia, descobrindo-lhe com prompta comprensão o lado fraco ou aspecto ridiculo. E' habil, é maleavel, é argucioso.

Neste livro se assignala bem a sua insinuante fórma de expôr os assumptos, e se sente a causticidade da sua frase, já marcada por um traço muito proprio e tendente a muito mais o destacar ainda do grupo de criticos novos com que entrou nas lettras.

Porque o tempo é todo de pressas, quem escreve para o publico tem tambem de ir com o tempo e apressar-se com elle. O auctor das *Chronicas immoraes* assim faz, e muito bem o faz.

Muitas vezes elle condensa num dito toda uma apreciação, e numa *boutade* uma critica inteira. Sabe dar ao juizo sensato das coisas a ligeireza da ironia. Sabe usar da maledicencia sem se comprometter. A sua prosa tem, toda, ella uma muito apreciavel mobilidade.

O Occidente assignala gostosamente na apparição do livro de Forjaz de Sampaio um facto interessante da quinzena.